1832

1685

INSTRUCÇÃO PASTORAL
DO ARCEBISPO DE EVORA
AOS SEUS DIOCESANOS
SOBRE A OBEDIENCIA QUE DEVEM
AO MUI ALTO E PODEROSO SENHOR
DOM MIGUEL PRIMEIRO.

Bote Junto

Não vos pareça estranho, amados Filhos em Jesus Christo, que a primeira das Nossas Instrucções ponha o seu fito principal em cousas, que á primeira vista julgareis puramente humanas, e politicas, e sem algum influxo, pelo menos directo, para a vossa eterna salvação... Estou bem longe de condemnar este vosso juizo, que seria até o mais exacto, e louvavel, se o fizessem os vossos antepassados, que unidos pelo mais forte de todos os vinculos, que he o da consciencia, ao Throno dos seus Legitimos Soberanos, e como quem tinha dentro de si o mais forte de todos os incentivos, apenas carecerião de quem lhos moderasse, e nunca de Instrucções, que lhos accendessem, ou despertassem... Felizes, dourados, e eternamente saudosos fôrão por certo esses dias, em que os Portuguezes, unanimes em dar a Cesar, o que he de Cesar, sem faltarem nunca á outra divida mais forte, e mais sagrada, qual he pagar a Deos, o que he de Deos, nem se quer sonhavão na chamada Soberania do Povo, a mais absurda, e monstruosa das heresias politicas; e por outra parte sabião com estremecimento, e a mais viva indignação que este, ou aquelle Povo, subtrahindo-se aos deveres de obediencia, e sujeição para com o Vigario de Christo na terra, arvorava o Estandarte do Scisma, ou precursor, ou companheiro inseparavel das perseguições, e das heresias! Ah! que certamente nos temos visto em circumstancias de apropriar á Igreja Lusitana os eloquentes gemidos, e queixumes do Profeta Jeremias... Como foi possivel que a invicta, e poderosa Lusitania, que depois de ter dado Leis á terra, aos mares, e ao mundo, cahisse de tão alto, e se fizesse tributaria; e de quem? Dos proprios, para quem olhava com indifferença nos seus dias de

exultação, e de gloria... *Esta Senhora das gentes he vista arrojar pesado lucto; e os proprios, que blasmavão de seus amigos, como que se tem empenhado em accelerar o momento da sua total ruina. Quomodo sedet sola civitas, etc.* (1)

He chegada a tal extremo de ignominia, e abatimento, que as Nações da terra se perguntão, como assustadas, humas ás outras: E he este o Portugal, que outr'ora foi o assombro de toda a Europa, que foi o terror da Asia, e da Africa, e o povoador, e conquistador da America, o descobridor de novas terras, e de novos mares? E he esta Lisboa a Cidade de huma estremada formosura, as delicias de toda a terra? Todos os seus inimigos abrírão contra ella a sua bôca, assobiárão, e rangêrão com os dentes, e disserão: *Devora-la-hemos; eis-aqui está o dia, que nós esperavamos, nós o achámos, nós o vemos... Nunca tal crêrão os Reis da terra, nem todos os moradores do mundo, que entraria o inimigo, e adversario pelas mesmas portas,* (2) que já virão entrar todas as riquezas, e todos os despojos do Oriente, cujos mais poderosos Soberanos fôrão tributarios dos Reis de Portugal!

E qual foi, meus amados Filhos, qual foi a causa desta inesperada, e terrivel mudança? Quem denegrio o finissimo ouro do Sanctuario, e embaciou o luzimento das pedras preciosas, que o adornavão? Foi o homem inimigo, que depois de duzentos annos de combates, e chegando por más artes a desasombrar-se do Esquadrão Sagrado, que mais viva guerra lhe fazia, alcançou a suprema direcção da Sementeira; e lançando á terra, não só mãos cheias, porém hum sem número de alqueires de zizania, tudo estragou, tudo pervertêo, a ponto de ser já difficilimo estremar do máo o bom trigo, que se tem visto como afogado com o fructo da má semente, e quasi a definhar-se, e a perder-se de todo...

Portugal, o bom Portugal, o mimo, a flôr, e as delicias da Igreja Catholica, dêo entrada a duas féras carniceiras, que jurárão faze-lo em pedaços, e aquinhoarem-se de seu sangue, e das suas proprias entranhas palpitantes, quero dizer, *as duas Seitas*, que fazem esquecer o *Arianismo*, e o *Priscilianismo*, e o proprio *Mahometismo*, a saber, a dos *Jansenistas*, e a dos *Pedreiros Livres*, colligadas entre si, e que abraçadas huma com outra, combinando os seus meios, e infernaes recursos, não só

(1) Lamentações de Jeremias Cap. I ý. 1, e seg.
(2) Ibid.

penetrárão, mas conseguírão prevalecer nestes Reinos... Em toda essa volumosa, e nefanda Collecção, a que hum ajuntamento illegal, monstruoso, e altamente reprovado por todos os bons Portuguezes, não se pejou de chamar *Diario de Côrtes*, (que das antigas conservárão sómente o nome) em toda essa Collecção quasi não ha huma só linha, que não encerre o sacrilego projecto de aluir, e deitar ao chão todos os fundamentos da nossa Crença Religiosa, e tambem da nossa Crença Politica... Ainda fumega o sangue, em que se estampárão as suas primeiras pisadas no ministerio de Legisladores... Inquisição extincta, e os seus proprios edificios inutilisados, que a tanto se abalançou a insana raiva de taes perseguidores; a Estatua da Fé nivelada com o pó da terra, e arrastada pelo chão; os mais Sagrados objectos do nosso Culto, os proprios Mandamentos da Igreja nossa Mãi vilipendiados, e desacatados, e até irrisoriamente taxados de musgo, de que se devia purificar a Arvore do Estado; a Suprema Authoridade do Vigario de Jesus Christo olhada, e proclamada á face de hum Congresso, em que figurávão muitos Bispos, como superflua, e desnecessaria para quantas reformas se concebião, e delineavão; a Monarchia Portugueza, sempre huma, e indivisivel, repartida por mais de hum cento de individuos, sem outro direito mais, que o por elles excogitado, e assumido... Eis-aqui hum rápido, mas exactissimamente verdadeiro bosquejo dos males, que presenceámos durante o espaço de trinta e tres mezes, que prouvera a Deos fosse possivel riscar para sempre dos Fastos Portuguezes, manchados eternamente com a mais insolita perfidia de naturaes deste Reino, que, constituidos Cidadãos do Universo, renunciárão por huma vez a Patria, e a Crença Politica dos seus Maiores... E quem despedaçou os ignominiosos ferros, com que gemia presa, e acabrunhada a outr'ora sempre gloriosa, e triumfadora Lusitania? Foi o denodo, e a heroica resolução de hum Infante Portuguez, que, lastimando as horriveis desgraças da sua Patria, resolvêo, ou salva-la, ou perecer; e mostrou assáz valor, e firmeza para derrubar em hum só momento a obra, que consumíra cincoenta annos de meditações, de tentativas, e de ensaios; que tanto foi necessario para se conseguir o rompimento, ou sublevação de 24 de Agosto de 1820...

A Sancta Religião dos nossos Pais, que jazia no pó semiviva, e quasi expirante, abrio seus olhos já meio fechados á luz em o memoravel dia 5 de Junho de 1823, e achou-se livre, e desafogada, e quasi se lisongeou de renascerem para ella os seus dias antigos, e por certo os mais formosos, que ella já-

mais contou, ou podia contar neste Reino... Durou pouco tempo, amados Filhos, a sua, e a nossa illusão; o que parecia bonança era a mais desfeita, e perigosa tempestade, e por certo que o venenoso áspide se occultou por algum tempo debaixo de flôres para ganhar novas forças, adquirir mais venenos, e segurar melhor o damnoso effeito de suas fataes mordeduras... Mas para que he fatigar-vos com a dilatada narração do que tendes visto, e presenciado!! Outra Constituição, sem outra differença da primeira, que o ser mais atraiçoada, e capciosa, e trazendo impressa no rôsto a liberdade de consciencia, e a mais escandalosa tolerancia, nos ameaçou de levar ao fim, dentro em poucos annos, a obra começada em 1820... Que bom Portuguez deixou de se doer, e de se doer vivamente nesta occasião? Que alma verdadeiramente Christã deixou de sentir a proximidade dos estragos imminentes á Igreja Lusitana? Que desusado tormento não era para as almas justas o verem-se na rigorosa necessidade de reprimirem, e suffocarem os seus gemidos, que no caso de romperem, ou de haver quem os escutasse, forçosamente serião taxados de rebellião, e de attentado contra as Leis existentes? Por bem pouco a necessidade de sermos Catholicos não obrigou a maioria dos Portuguezes a fazerem-se Castelhanos, renegando huma Patria, em que o Nome de Deos era, ou desconhecido, ou insultado.

Já começava a emigração, e todos os dias era mais crescida, e avultada... Quasi promettia o Reino ficar dentro em poucos annos ermo, e deshabitado! Ah! Não nos recordaremos sem ufania de que Regimentos inteiros, estacionados nesse Arcebispado, e necessariamente compostos de não poucos dos Nossos Diocesanos, forão dos primeiros, que, abalançando-se aos maiores perigos, voltárão costas a huma Patria ingrata, e dominada de poderes os mais estranhos aos nossos Maiores... Ah! E porque não desertárão Provincias inteiras, assim como desertárão, ou antes se evadírão á perseguição, e á tyrannia os grandes, e pequenos Corpos Militares? Porque em todos os corações Portuguezes raiava huma luz de esperança, que era tanto mais brilhante, quanto mais se forcejava para a extinguirem de todo! O Povo escolhido não podia crer, que falhassem as promessas do Campo de Ourique, e estendia longos olhos para a Capital do Imperio Austriaco, imitando fielmente o ancioso empenho, com que o Sancto Profeta Daniel, proscripto, e desterrado em Babylonia, ao menos podia consolar-se, e reanimar-se todas as vezes, que dirigia os seus olhos para aquella parte, ainda que distante, onde existia o Sagrado Templo de Jerusalem.

E com effeito, que bom Portuguez, ao vêr, ou saber qual foi o dia 22 de Fevereiro de 1828, sendo-lhe possivel, deixaria de endereçar ao seu Principe, recem-chegado, esta felicitação: *Bemdito Deos, que vos escolhêo, que suscitou em Vós hum poderoso Salvador desta Nação humilhada, e quasi expirante, para louvor, e gloria de Seu Nome; para restaurar o credito, e honra do Sceptro Portuguez; para acudir á sua Igreja nestes máos tempos; e finalmente para obrar em nossos dias a salvação, e a verdadeira felicidade dos Portuguezes!* (1) Apenas decorrido o brevissimo intervallo de quatro mezes, e presenciada huma série de milagres, a qual delles mais estupendo, e mais demonstrativo de huma singularissima protecção do Ceo em favor destes Reinos, que Portuguez deixou de exclamar: *He obra do Senhor, que a corôa da vossa gloria se amplia, e sublima todos os dias, crescendo, e aproveitando maravilhosamente em todo o decoro, e magestade perante Deos, e os homens.* (2) E com effeito he obra do Senhor, e andou visivelmente a sua poderosa mão, até no felicissimo remate de huma viagem laboriosa, e arriscada, que Vós emprendestes em obsequio á paz, e tranquillidade destes Reinos, e ao triumfo, e resgate da Sancta Igreja. Tendes assumido em Lisboa a plenitude do exercicio de vossos inauferiveis Direitos, e isto (o que ainda he mais para admirar) com hum pequeno Exercito de fieis, para maior luzimento, e realce da vossa affouteza, e da vossa fé. E se as Terras Portuguezas tremêrão, e se apaziguárão diante de huma pequena Divisão do vosso Exercito, que será, e que terror lavrará pelos corações dos vossos inimigos, quando o Rei, dado pelo Ceo aos Portuguezes, marchar á frente de hum grande Exercito, em toda a grandeza, e poderio do seu braço? Que brios, que desusados alentos não lhes infundirá a justiça, e a bondade da Causa; e que incitamento não será para elles todos o ponderarem, que tem sobre si as duas Causas mais importantes ao homem, e ao cidadão: *A Causa de Deos, e a Causa do seu Rei?...*

E serião estas vozes encarecidas, ou adulatorias? Não, não; porque S. Bernardo, que endereçou outras semelhantes ao Imperador Lothario, aborrecia a mentira, e como se explica hum Auctor moderno: *Os Reis, e os Ministros de Estado, a quem a sua inflexivel severidade não perdoou nunca hum só vicio, nem relevou huma só desgraça, ou calamidade pública, humilhavão-se ás suas reprehensões, como á propria mão de*

(1) Carta de S. Bern. ao Imper. Lothario II. (189 da Ediç. Maurina.)
(2) Ibid.

Deos: (1) o que he tão certo, que na Carta segunda, em que recommenda ao proprio Imperador os relevantes serviços, que lhe havião prestado os leaes, e valorosos Pisanos, revestindo-se de huma liberdade Apostolica, e semelhante á de S. João Baptista na presença de Herodes, rompe nestas vozes: = *Succede o contrario do que devia succeder; pois desfructão as honras, e as graças os proprios, que vos offendêrão; e a vossa ira vem a recahir desgraçadamente naquelles, que mais vos amão, e que melhor vos tem servido; porém talvez não vos seja isto conhecido. Convem pois que immediatamente, já que o ficaes sabendo, não só convem, he decente, e cumpre que mudeis nesta parte de palavras, e de sentimentos.* (2)

E acaso será somente propria do melifluo Doutor da Igreja esta linguagem toda favoravel aos Reis, quando se tracta de raiz, e a fundamento da Authoridade Soberana? Quanto me seria facil trazer outras semelhantes expressões, e revestidas de igual força, se eu quizesse revolver os monumentos da Antiguidade, e produzir a escolha, do que escrevêrão de melhor sobre esta materia os Agostinhos, os Chrysostomos, os Basilios, e os Gregorios... Ah! Nem era possivel, que seguissem outras idéas, ao passo que erão depositarios da boa doutrina, e fidelissimos interpretes do Evangelho, e defensores invenciveis da pureza, e inteireza das verdades Catholicas; pois que Religião poderia ser mais favoravel aos Reis, do que tem sido, e será constantemente até ao fim dos seculos a Divina Religião Catholica Apostolica Romana? Se lhe perguntâmos qual he a origem, e o fundamento da Soberania dos Reis, ella não sabe responder outra cousa, que não seja a pura verdade, isto he, que o Rei dos Reis communica o seu poder, e authoridade aos Reis da terra. *Per me Reges regnant.* (3) Se lhe perguntâmos qual he o melhor dos Governos, responderá com o Sancto Rei David, que he a Monarchia hereditaria, por ser a mais conforme á natureza. *Quem sou eu*, (taes forão as palavras daquelle Sancto) *quem sou eu, ó Senhor Deos? E que casa he a minha para tu me teres chegado a este ponto de elevação? Mas isto mesmo te pareceo a ti pouco, ó Senhor Deos, se não fallasses tambem da casa do teu servo para tempos distantes, porque esta he a Lei de Adão, ó Senhor Deos.* (4) Caso se lembre alguem de replicar-lhe, que foi

(1) Mr. Garat no Elogio do famoso Suggero, Abbade de S. Diniz.
(2) Carta 140 de S. Bernardo ao Imper. Lothario II.
(3) Proverb. Cap. VIII ℣. 15.
(4) Liv. 2.° dos Reis Cap. VII ℣℣. 18 e 19.

essa a condição especial do Reino de Israel, e que não póde servir de norma para os mais Reinos do mundo, ella novamente, armada com o seu escudo, ou com a palavra de Deos, lhe affirmará positivamente, que *o Senhor estabelecêo a cada Nação seu Principe; (muito embora fosse Israel visivelmente a porção, que Deos tomou para si)* (1) e para mostrar ainda mais clara a perfeita harmonia do Velho, e Novo Testamento em cousas de tal monta, e de mais directa influencia sobre a prosperidade geral do Universo, tomará huma, e muitas vezes, sem o mais leve receio de ser enfadonha a outros, que não sejão os impios, e os rebeldes, que oppostos diariamente ao seu Deos, não he muito que resistão aos seus Principes, tomará, digo, na sua bôca, isto he, nas exhortações, e prégações dos seus Ministros, as formaes palavras do Apostolo das Gentes, ou do Espirito Sancto, que lhas inspirou: *Todo o homem esteja sujeito ás Potestades Superiores, porque não ha Potestade, que não venha de Deos; e, as que ha, estas forão por Deos ordenadas. Aquelle pois, que resiste á Potestade, resiste á ordenação de Deos: e os que lhe resistem, a si mesmos trazem a condemnação. Porque os Principes não são para temer, quando se faz o que he bom, mas quando se faz o que he máo. Queres pois não temer a Potestade? Obra bem, e terás louvor della mesma; porque o Principe he Ministro de Deos para teu bem. Mas se obrares mal, teme; porque não he debalde que elle traz a espada. Por quanto elle he Ministro de Deos, vingador em ira contra aquelle, que obra mal. He logo necessario que lhes estejais sujeitos, não somente pelo temor do castigo, mas tambem por obrigação de consciencia. Porque por esta causa pagais tambem tributos; pois são Ministros de Deos, servindo-o nisto mesmo. Pagai pois a todos o que lhes he devido: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra.* (2) Que notavel apologia dos Reis, e até do que ordinariamente se reputa menos soffrivel, ou mais odioso no exercicio da sua authoridade!

Ah, meus amados Filhos, tomai de cór, e ensinai aos vossos descendentes estas preciosas doutrinas, onde se não encontra huma só palavra, que não seja bem como hum ferro de cortar, que decépa as altivas cabeças de hum sem numero de estouvados Publicistas modernos; e ao mesmo passo hum, deixai-me

(1) Ecclesiastico Cap. XVII ÿÿ. 14 e 15.
(2) Epist. ad Rom. Cap. XIII ÿÿ. 1, 2, 3, 4, 5, 6, e 7.

explicar assim, hum annuncio, ou mensageiro de paz, e tranquillidade para as consciencias, e de segurança, e prosperidade para o genero humano! Por isso he que nunca houve, nem podia haver melhor vassallo, do que hum vassallo Christão, que sem exceptuar da sua obediencia, e homenagem o proprio Soberano discolo, e até inimigo da Religião Christã, nem vê, nem póde vêr nos Reis outra cousa mais, que huma especie de formal derivação, ou emanação daquelle poderio immenso, que abarca todos os Reis, e todos os Povos do Universo. Daqui vem, que o grave, eloquente, posto que malfadado, Tertuliano, (que ninguem refusará, pelo menos em qualidade de testemunha fidedigna, de qual fosse a Doutrina da Igreja Primitiva sobre a authoridade dos Reis) he tão claro, e tão expresso nestas materias, que faz pasmar, ou chorar, como he que Theologos chamados Christãos, a despeito das Letras Divinas, e da formal tradição de todos os seculos, não se pejão de escarnecer a Origem Divina do Poder, e Soberania dos Reis, e de introduzir, quanto nelles he, a decantada Soberania dos Povos, que tão fatal costuma ser para os Reis, e para os mesmos Povos, que ousando tocar no fructo prohibido, acarretarão sobre si, e sobre os seus descendentes huma alluvião de estragos, para cujo remedio não chegarão facilmente largos seculos do Governo mais activo, e mais restaurador! *Nós consideramos nos Imperadores o Juizo de Deos*, (ouçamos hum pouco a Tertuliano) *consideramos o Juizo de Deos, que os collocou á testa das Nações; sabemos, que nelles ha, o que Deos quiz que houvesse; e por isso queremos a saude, e prosperidade dos Soberanos, porque Deos a quer. E para que vos direi mais da religião, veneração, e piedade christã para com o Imperador, que de necessidade contemplamos como de eleição Divina? E com toda a razão dizemos, que he mais nosso, porque foi levantado pelo nosso Deos; e por isso eu concorro mais do que vós para a conservação do Imperador, porque não somente rogo por elle ao unico, que lha póde conceder, e porque lha pedirei de tal modo, que seja digno de a conseguir; mas até porque modificando a grandeza do Cesar no lugar, que lhe dou abaixo de Deos, mais recommendavel lho faço, por isso mesmo que o reconheço inferior somente ao mesmo Deos.* (1)

Onde estará aqui a famigerada Soberania do Povo? E co-

(1) No Apologetico. Edição Parisiense de 1664 Cap. XXXII e XXXIII pag. 28.

mo poderão subsistir diante destes axiomas Religiosos, e Politicos as absurdas, e tresloucadas theorias de certos pretensos reformadores da especie humana? Deixemos todavia proseguir, ainda que seja por breve espaço, a mesma authorisada testemunha. *O Christão*, (assim escrevia este Sabio ao Presidente de Africa) *o Christão não aborrece pessoa alguma, e ainda menos o Imperador, pois conhecendo, que foi posto no Throno pelo seu Deos, forçosamente o ha de amar. Veneramos pois o Imperador pela forma, que nos he licita, e para elle a mais conveniente, a saber: como homem, que he o primeiro abaixo de Deos, pois tudo quanto elle tem o alcançou de Deos, e só he menor que a Divindade. Elle proprio deve querer isto, porque a sua preeminencia acima de todos consiste em ser immediato, posto que inferior ao mesmo Deos.* (1)

Sería bem fazer produzir, em abono destas verdades, todo o peso da Antiguidade Christã, para a qual o nosso seculo, verdadeiramente de ignorancia, e ainda mais ferreo, que o seculo decimo, costuma olhar desdenhosamente; porém, tractando-se de Portugal, quem deixará de conhecer, que os testemunhos da Igreja Lusitana, quando mais pura, e luzente, e ao sahir do chrysol das tribulações, he de maior importancia em taes assumptos? Se os Bispos destes Reinos se congregassem hoje para reunirem as suas forças, e acometterem unidos, e em huma especie de esquadrão cerrado as falanges do erro, e da heresia, por certo que deverião explicar-se, e fulminar os principios subversivos da Ordem Religiosa, e Politica, sem a mais leve differença dos Padres do Concilio IV de Toledo. He mui longo o Canon 75 deste famoso Concilio; e por isso daremos aqui somente as suas forças: *Se queremos evitar* (dizem elles) *a ira Divina, e a sua severidade, e desejamos attrahir a sua clemencia, guardemos o Culto de sua Religião, e o seu temor, e cumpramos para com os nossos Reis a fé jurada, e as nossas promessas. Não haja pois entre nós, como succede em outras Nações, a impia subtileza de infedilidade; não haja a perfidia de hum coração atraiçoado, nem a maldade do perjurio, nem as destestaveis caricias das conjurações... Se esta advertencia não corrige as nossas almas, nem reduz os nossos corações a attentarem somente pela salvação pública, oução esta Sentença: » Qualquer de entre nós, ou dos Povos de toda a Hespanha, que tentar de algum modo, ou por alguma conjuração infringir os ju-*

(1) Ad Scapulam ibid. pag. 69.

ramentos de fidelidade, que prestou pela vida do Rei, pela estabilidade dos Godos, e sua Patria, e se abalançar a matar o Rei, ou a priva-lo da Authoridade Real, ou a usurpar-lhe presumpçosa, e tyrannicamente o Reino, seja excommungado em presença de Deos Padre, e dos Anjos, e pela Igreja Catholica seja expulso da Congregação dos fieis Christãos, com todos os seus complices, pois convem que participem do mesmo castigo, os que participão do mesmo delicto. » (1)

Esta Sentença, para se lhe dar toda a validade, e firmeza possivel, foi repetida segunda, e terceira vez; a que o Clero, e Povo respondêrão com huma geral, e unanime acclamação; e sem embargo desta, nem por isso aquelles Padres (entre os quaes figurava talvez o maior homem do seu seculo, ou Sancto Isidoro de Sevilha) derão o negocio por concluido, antes proseguirão desta maneira: *Por tanto nós, e todos os Sacerdotes aconselhámos á Igreja de Christo, e ao Povo, que essa tremenda Sentença, repetida por tres vezes, não seja reprovada por algum de nós; mas que guardando a fidelidade promettida ao nosso Senhor, e Rei Sisenando, e servindo-o com o mais sincero affecto, não só mereçamos a clemencia da piedade Divina, mas tambem o favor do Principe...*

E como fallão estes leaes vassallos ao seu Rei? Deste modo: *A vós pois, ó Rei, e a todos quantos vos succederem, pedimos humildemente, como he nosso dever, que sejais moderados, e humildes, que governeis com justiça, e piedade os Povos, que Deos vos cometteo, e que correspondaes agradecidos a Christo, dador de todos os bens, que vos estabeleceo sobre nós, reinando em mansidão de coração, e desejos de obrar sempre o melhor... Gloria pois* (assim remata o Concilio) *gloria, e honra ao nosso Deos Omnipotente, em cujo nome nos temos congregado, e depois disto paz, saude, e muitos annos de vida a nosso piedosissimo, e amado de Christo o Rei Sisenando, cuja devoção nos ha congregado para lavrarmos hum tão saudavel Decreto.* (2)

Mui de proposito deixamos de mencionar o competidor de Sisenando em a successão á Corôa dos Godos; e nem se quer traduzimos as palavras formaes deste Decreto: *De Suintilane vero, qui... seipsum regno privavit, et potestatis fascibus exuit, id cum gentis consultu decrevimus, ut neque eundem, vel uxorem*

---

(1) Actas do Concilio IV Toledano. Can. 75.
(2) Ibid.

ejus... neque filios eorum unitati nostræ unquam consociemus, etc.; porque na qualidade de Pastores da Igreja só devemos applacar, e nunca accender guerras, que do Melifluo Doutor da Igreja tiramos nesta parte as regras, e o exemplo. *Não me toca* (dizia este Sancto ao Imperador Lothario) *exhortar ao combate, mas pertence-me, na qualidade de advogado da Sancta Igreja, preserva-la, quanto em mim fôr, da raiva dos Scismaticos, assim como pertence ao Cesar o defender a sua Corôa do Usurpador Siciliano...* (1)

Para que citaremos agora outros Canones dos seguintes Concilios de Toledo, onde se confirmão os do Concilio IV, e se fazem outros de novo, para se estreitarem cada vez mais os laços da união, e vassallagem dos Povos aos seus Legitimos Soberanos? Bem sei que muitos Concilios das Hespanhas em a meia idade forão ao mesmo tempo Assembleas Religiosas, e Politicas; mas por isso mesmo tivemos o cuidado de separar, o que julgamos ser da competencia, e da alçada dos Superiores Ecclesiasticos, que tiverão sempre a Obediencia aos Principes, como hum dever essencial do Christianismo... Ah! E que sancta inveja não devemos ter aos Nossos Predecessores na Igreja de Evora, os Bispos Sisiselo, Abientio, Arconcio, Truictmundo, e Zozimo, que ordinariamente acompanhados pelos Bispos de Braga, de Lisboa, do Porto, de Lamego, Dume, Guarda, e Béja (2) subscrevêrão os Canones protectores da Soberana Authoridade dos Principes; e ainda mais, porque vivêrão em hum seculo inteiramente desasombrado de *pactos sociaes*, de sonhados *direitos do homem*, e *do cidadão*, e da quimerica *Soberania do Povo!* Ainda mesmo que por vezes exercessem, de mãos dadas com os Nobres da Gente Goda, o direito de elegerem o Soberano, apenas concluido esse acto, não viâo, nem podião vêr no proprio, que tinhão feito subir ao Throno, outra cousa mais, que a Authoridade Divina; e se lhe auguravão, e promettião hum Governo feliz, nunca o fizerão sem protestar, que o Senhor dos Ceos, e da terra era a verdadeira fonte, ou principio da Soberana Authoridade dos Reis. (3)

Custa a apparecer na Historia destes Reinos hum só exem-

---

(1) Carta 139 de S. Bernardo ao Imperador Lothario II.

(2) Póde consultar-se qualquer das grandes Collecções de Concilios, e nomeadamente em as subscripções dos Concilios Toledanos 6.°, 8.°, 10.°, e 13.°

(3) Veja-se o citado Canon 75.

plo de Prelado Eborense, que se esquecesse momentaneamente dos sagrados deveres de Vassallo; e por outra parte são contínuos, e bem illustres os exemplos da mais pura, e achrysolada fidelidade para com os nossos Reis, que nos offerece a Sancta Igreja Eborense; e tal Bispo houve, que chegou não só a defender, quanto nelle foi, a Causa do Rei Legitimo contra huma declarada usurpação, mas, o que he muito mais, a sellala com o seu proprio sangue, do que ainda hoje nos dão testemunho, como horrorisadas, e escandalisadas, as proprias pedras da Villa de Estremoz... (1)

Se estes leaes sentimentos, de que a Sancta Igreja Eborense deve gloriar-se, não paravão sómente nos Prelados, mas felizmente se derramavão por todo o seu rebanho... Se a Evora dos gloriosos dias da primeira Restauração Portugueza, encetada, e levada ao fim pelo Rei da boa memoria, não se desmentio em outra mais ardua, e complicada Restauração, sendo a primeira, que denodadamente abrio o passo aos estrondosos acontecimentos do 1.° de Dezembro de 1640... Se os Eborenses mostrárão ainda em 1809, e 1828, que descendião por linha recta (pois tambem ha linhagem de valor, e fidelidade) dos immortaes Vencedores do Salado... para que nos cançâmos agora em despertar, como se estivesse debaixo das cinzas, esse fogo sagrado da mais entranhavel affeição ao Mui Alto, e Poderoso Senhor D. Miguel I, como se os Eborenses não tivessem sido talvez os unicos Portuguezes, que para conservarem intacta a sua fé Politica ousárão medir-se com Tropas Regulares, cortando para si, pelo menos, alguns fragmentos dessas palmas viçosas, que cingem os immortaes defensores de Saragoça? Quem sabe se algum dos Nossos Diocesanos, depois de ouvir os testemunhos, ou antiquissimos, ou menos remotos deste seculo, que affianção o mutuo enlace das Crenças Religiosa, e Politica, dos intrepidos, e leaes Eborenses, no tocante á Soberania dos seus Reis Naturaes, poderá ser tentado a crêr, que soltando aos ares huma torrente de palavras ociosas, e vans, parecemos injuriar a Nossa Diocese? Ah! meus Filhos carissimos, ainda que nesse Arcebispado houvesse hum só Portuguez desaffecto á Sagrada Pessoa do Mui Alto, e Poderoso Senhor D. Miguel I, sería muito a proposito, que forcejassemos, ou por convence-lo, ou por envergonha-lo; ora propondo razões, ora apontando exemplos,

(1) Alludimos neste §. aos Bispos D. Geraldo, e D. Garcia de Menezes.

que o movessem, que o persuadissem a desviar-se com horror das tortuosas veredas do erro, e da mentira. Quando Nosso Senhor Jesus Christo, na acção de levar aos beiços o calis de amargura, tem defronte de si hum sacrilego, hum traidor, hum Judas, contrista-se demasiadamente; não tira os olhos desse desgraçado, lava-lhe os pés, mette-lhe na impurissima bôca o pão dos Anjos; e se estes lanços da mais extremada Caridade não tem podido amolgar esse coração de bronze, vai tentar ainda outros meios, para que elle, sabendo que está conhecido, e plenamente descoberto, possa correr-se, e envergonhar-se do que tem feito, e do que anciosamente deseja executar... *Vós outros limpos estais, porém não todos*, disse o Senhor, e o disse, *porque sabia qual era o que o havia de entregar;* por isso disse *não estais todos limpos.* (1)

Outro tanto poderiamos agora dizer, ainda que em toda a Nossa Diocese não houvesse mais que hum só Judas, hum só prevaricador, hum só Apostata do Catholicismo, que professárão os nossos Maiores!! E que diremos Nós ao ponto de sabermos, que em a Nossa Diocese ha pessoas manchadas com a gravissima suspeita de se terem alistado debaixo das Bandeiras de Satanáz, que são as proprias de huma Seita moderna, mais perversa que o Arianismo, e talvez mais diffundida que elle? Em toda a sinceridade do Nosso coração vos affirmâmos na presença do Juiz dos vivos, e dos mortos, que nos falta o animo, e que soçobramos, e desfallecemos de todo, sómente com a lembrança, de que no territorio da Nossa Diocese germinão, crescem, e estendem as suas folhas esses arbustos venenosos, que só chegão a dar fructos de morte, e condemnação eterna... Quantas vezes nos occorre esta lembrança, outras tantas nos vemos tentados a exclamar: Ah! Se era Nosso destino, que tomassemos aos Nossos hombros huma Cruz Episcopal, certamente a mais áspera, e a mais pesada de todas, porque não fôrão os Sertões da Africa, ou da Asia os territorios aprazados para o exercicio das Nossas Pastoraes Funcções!! A vista de homens boçaes, e idólatras accenderia o Nosso zêlo, e só teria de excitar os Nossos paternaes desvelos, e a Nossa mais entranhada compaixão; e nos julgariamos ditosos, por mettermos no aprisco do Senhor alguns centos dessas miseraveis ovelhinhas, cujos balidos, cortando o Nosso coração, por certo que ao mesmo passo inflammarião a Nossa vontade, para lhes ministrarmos quanto auxilio em Nos-

(1) Evang. de S. João Cap. XIII ℣℣. 10, e 11.

sas forças coubesse... Porém ao considerarmos, que ha Portuguezes tão esquecidos deste nome, e de seus principaes deveres, e tão alheios de si, e do mais, que deve interessar o homem, e o Cidadão; Portuguezes, que anhelão, e suspirão pelo Governo Constitucional, que traz impressos na frente os nomes da blasfemia, e que aos seus primeiros ensaios annunciou, que não ficaria pedra sobre pedra, nem ainda em o proprio edificio material dos nossos Templos!!... Haver Portuguezes, que, vendo, não vêm, ouvindo, não ouvem, e que nas faldas da propria montanha, em que Deos está fazendo contínuos, e estrondosos milagres, offerecem todos os seus teres, todas as suas joias para se fundir hum bezerro de ouro, ao qual desatinadamente queimão incensos, e prestão as mais sacrilegas adorações... he caso mui diverso do primeiro; he caso para accender os corações mais frios; he caso para que até os mansos, e pacificos Moysés quebrem as Taboas da Lei, e se embrenhem, ou escondão no interior do Sinai, para fugirem ao espectaculo da mais abominavel, e monstruosa ingratidão!! Caso porém aconteça, para cúmulo das desgraças, que não faltem Aarões, os quaes talvez mais por fraqueza, que por odio ao Governo Monarchico, e só em desempenho de huma chamada *Sciencia de viver*, (que certamente não he a Sciencia dos Sanctos) bem longe de reprehenderem com toda a vehemencia os extravios das suas ovelhas desgarradas, não se pejem de amoldar-se com ellas, e se permittão hum criminoso disfarce, que, tornando-se cada vez mais audazes, e insolentes, os dê a conhecer por outros tantos cégos conductores de outros cégos, até cahirem todos nos boqueirões infernaes! Que paciencia, ainda que seja a mais heroica de todas, poderá conter-se, ou soffocar-se nestes lances? Mas que dizemos Nós?... A Paciencia he Virtude; porém a que tolera os crimes, aos quaes poderia obstar, he outro crime ainda mais horrendo, e punivel; e se isto assim não fosse, terião obrado, ou inconsiderada, ou fogosamente os Padres do Concilio X de Toledo, que tractando-se de punir o Clero, que fosse revoltoso contra o Soberano, proferirão esta Sentença: *Se algum, desde o Episcopado até á prima Tonsura, ou Monge, atraiçoar o seu Monarcha Legitimo, seja privado em continente da sua Dignidade, e reputc-se excluido do seu lugar, e de toda a honra, que o acompanha. Mox propria dignitate privatus, et loco, et honore habeatur exclusus*... Que esclarecido nome apparece nas Confirmações desta Sentença? O nome de S. Fructuoso Bracharense; e he o mesmo que dizer: *Causa finita est.* São indignissimos de pertencer ao Clero, ou á Sorte do Senhor, os que, declarando-

se inimigos do Mui Alto, e Poderoso Senhor D. Miguel I, já pertencem a outra Sorte, quero dizer, á *Sorte de Belial*, como filhos propriamente sem jugo, que talvez para sacudirem o do Celibato, e para exercitarem publicamente as obras más, he que tem adherido á Causa dos impios... Mas que triste reflexão vem agora possuir-nos, e encher-nos de confusão, e de amargura!! Parece que de huns taes escrevêo o Sancto Profeta Jeremias: *Se hum Ethiope póde mudar a sua pelle, ou hum Leopardo as suas malhas, podereis vós tambem fazer o bem, vos, que não aprendestes, senão a fazer o mal.* (1)

Da profissão de Idéas Liberaes para o Atheismo não ha mais que hum pequeno intervallo, que os máos Sacerdotes, (como já observárão os Nossos Maiores, durante a chamada Reforma do Seculo-XVI, e Nós o temos observado em todas as Revoluções modernas) que os máos Sacerdotes costumão apanhar de hum salto; e se he tão perversa a indole de taes homens, e tão acceso o desejo, que elles tem de preencherem, os que elles chamão *Votos da Natureza*, como se ha de esperar, que elles mudem de principios, que elles se reformem, que elles digão hum eterno adeos ás pestilenciaes doutrinas, que bebêrão, ou no proprio seio de suas familias, ou nas Eschólas instituidas mui ácinte para se derramarem as luzes da pretensa, e moderna Sabedoria!!! Ah! Se o commum do Povo fosse tão difficil de convencer, e persuadir, melhor sería, que nos abstivessemos para sempre de exhortações, e conselhos... Nem as lagrimas, nem as mais profundas humilhações poderão fazer móssa nesses corações empedernidos. Se hoje resuscitasse o Veneravel D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, e se lançasse aos pés de hum Sacerdote Pedreiro Livre, para se insinuar deste modo em seu pervertido, e bronzeado coração, por certo que não sería tão feliz, como outr'ora foi, deitando-se aos pés de hum Sacerdote amancebado havia largos annos, e que armando contra Deos, e contra o seu Pastor os fructos da sua incontinencia, parecia mais hum condemnado, já ardendo nos infernos, que hum simples mortal, ainda em caminho de penitencia, e de salvação... O Povo Lusitano he essencialmente Christão. Se no Arcebispado de Evora ha Povoações, em que he facillimo contar os verdadeiros Amigos d'El-Rei Nosso Senhor, porque são poucos... Ah! Nós o dizemos com as lagrimas nos olhos, *flens dico*, he mais effeito de alucinação, ou de perfidos conselhos, que de huma reflectida, e

(1) Jeremias Cap. XIII ℣. 23.

obstinada malicia... Quando elles cheguem a cahir em si, e a desenredar-se por huma vez das bem tecidas, e seguras redes, que lhes armou a cavillação, e a impostura de seus falsos amigos, estamos certos, (e esta lembrança nos consola, e nos fortalece) estamos certissimos, de que até se envergonharão de terem sido a nódoa, o vilipendio, e o desdouro da Nação mais heroica do Universo... Esta Nação firmemente decidida, ou a sustentar no Throno o seu Rei Legitimo, ou a somir-se debaixo das ruinas da ultima de suas choupanas, ou do mais desprezivel dos seus alvergues, que ella saberá converter em outras tantas fortalezas! Que grande, que formoso espectaculo não offerece a todas as gentes, e a todos os Soberanos da terra! Já foi a verdadeira Mestra de todos, porque os ensinou a vencer o proprio, que os havia atado ao seu carro triumfal, e hoje em aspecto mais formidavel, e guerreiro tem dado novas lições ao mundo, que se perecer, e acabar de todo, não será certamente por culpa dos leaes, e valorosos Portuguezes... No meio desta geral, e nunca vista dedicação de bens, pessoas, e vidas pelo Rei, e pela Fé; no meio deste, o mais generoso sacrificio, que apontão as nossas Historias, posto que as mais fartas de número, e qualidade de acções desta natureza... Ah! que vergonha para o Arcebispado de Evora o dizer-se, que nelle ha Povoações quasi inteiras, que nutrem o infame, o perverso desejo, de que as Bandeiras da Impiedade fluctuem nas Torres de Lisboa, e de que as Sagradas Quinas sejão arrastadas pelo chão, e desappareção por huma vez da terra abençoada pelos Ceos, e por esses gloriosos signaes da nossa Redempção!!

Oxalá que fosse bastante huma saudavel vergonha, para que os Nossos carissimos Filhos sahissem da mais espantosa dissonancia dos geraes sentimentos dos seus Compatriotas! Quando chegassemos a saber, que as Nossas vozes fôrão attendidas, e que fizerão despertar a lealdade mais suffocada, e amortecida, quasi expulsa para sempre, ou apagada de seus corações, de que animo julgais vós que ficariamos, e a que ordem de sentimentos nos deveriamos entregar por esse tão feliz, como anciosamente desejado complemento das Nossas exhortações, e fadigas? Então mais que nunca vos chamariamos o *Nosso gôsto, e a Nossa corôa*, (1) e não duvidariamos protestar á face dos Ceos, e da terra, que ereis a *Nossa gloria, e o Nosso contentamento.* (2) Hum só desses Fi-

(1) Epist. de S. Paulo aos Filip. Cap. IV ℣. 1.°
(2) Epist. 1.ª de S. Paulo aos Thessalon. Cap. II ℣. 20.

lhos perdidos, que escutando as Nossas enternecidas vozes, parasse na carreira, e deitasse hum volver de olhos para a enormidade de seu crime, já nos daria huma ineffavel consolação, por isso mesmo, que nos esperançava de que em breve o teriamos emendado, e convertido; e quando, pelo menos, hum só destes Vassallos voltasse ás genuinas idéas da lealdade Portugueza, por certo que excederiamos em Nosso jubilo a mulher do Evangelho, no ponto de achar a drachma perdida; ou, *tirai depressa* (exclamariamos com o Pai do filho prodigo) *tirai depressa o seu primeiro vestido, e vesti lho, e metteilhe hum annel no dedo... porque este meu filho era morto, e revivêo, tinha-se perdido, e achou-se.* (1) Se algum dos Nossos Filhos nos estranhasse de sermos demasiados, ou encarecidos, Nós lhe tornariamos, *que era necessario haver banquete, e festim, pois que este... irmão era morto, e revivéo, tinha-se perdido, e achou-se.* (2) Mas para que nos cançariamos em provar aos Filhos do Evangelho, o que lhes deve ser conhecido, e notorio do proprio Evangelho, onde achamos intimado com as palavras formaes do Verbo Divino, *que haverá maior jubilo no Ceo sobre hum peccador, que fizer penitencia, que sobre noventa e nove justos, que não hão de mister penitencia?* (3)

Daqui podeis conhecer, amados Filhos, que se a conversão do peccador he festejada nos Ceos, apezar de que não acrescenta nem hum só apice á gloria essencial dos Anjos, forçosamente deverá merecer todo o genero de applausos, e congratulações quando se verifique neste mundo; pois he o triumfo mais completo do zêlo, e paciencia Apostolica.

Porém direis vós: não haverá nesta Diocese outro peccado, que inflamme o zêlo do nosso Pastor, e desafie as primeiras Instrucções, senão a desobediencia, posto que seja interna, ao Mui Alto, e Poderoso Senhor D. Miguel I? Dar-se-ha caso, que a meretriz infame, e dissoluta, que S. João nos retratou ao vivo em o seu Apocalypse, não tenha entornado sobre a Diocese Eborense a mais pequena dóse do Calis, com que ella tem allucinado, e embriagado todos os Povos da terra? Oxalá, respondemos Nós, oxalá que assim fosse, e que não tivessemos de applicar todos os remedios, ora brandos, ora fortes, a esse contagio universal da luxuria, que engulindo na sepultura huma boa ametade das ge-

---

(1) Evang. de S. Luc. Cap. XV ýý. 22 e 24.
(2) Ibidem ý. 32.
(3) Ibidem ý. 7.

rações humanas, como que deixa estampado nos semblantes de outra ametade hum vivo testemunho dos seus estragos! Esses vicios, que nascêrão, ou da miseria, ou da fraqueza humana, posto que sejão abominaveis, pois que nos fechão o Ceo, e nos abrem o inferno, sua devida recompensa, quantas vezes tem desapparecido á voz de hum Pastor, que exhorta, reprehende, e ao mesmo passo chora, e prantêa os seus Filhos perdidos, e que está prompto a matar a fome, em que tantas vezes se escudão as infelizes victimas de Satanaz? Esses proprios vicios, quando plenamente satisfeitos, começão desde logo o seu officio de verdugos inexoraveis de quem os segue; esses vicios, que ao mesmo tempo costumão ser prazeres, e castigos, huma vez que não procedem de hum coração impio, deixão sempre alguma esperança de se amortecerem, e de se corregirem; porém o crime dos crimes, o crime de rebellião formal contra Deos; o crime dos Anjos revoltosos he de outra natureza, e de tão poucas esperanças de correcção, e de emenda radical, que somente quando nascer de illusão, e máos conselhos, he que será possivel combatê-lo com vantagem, e extirpa-lo para sempre.

Não me taxeis de encarecido, e muito menos de adulador... O crime de desobediencia ao mui Alto, e Poderoso Senhor D. Miguel I involve huma approvação solemne de todos os crimes, que se perpetrárão neste Reino desde 1820 até 1828... Não querer por Soberano o mui Alto, e Poderoso Senhor D. Miguel I he o mesmo, que ratificar expressamente as violencias, e atrocidades commettidas naquelle periodo Constitucional; he o mesmo, que sanccionar as profanações dos Templos, e das cousas Sanctas, o arrombamento de hum sem número de Sacrarios, o nefando, e horroroso vilipendio, com que se tractárão as Sagradas Formas, e todos os mais horrores, que só tinhão modêlo na Historia das Perseguições feitas pelos Vandalos ás Igrejas Catholicas da Africa.

Fazemos, e de boa vontade, o que nos requer, e pede em altas vozes a Nossa consciencia. He do Nosso dever acudirmos primeiramente ás Nossas ovelhas, que mais carecem de remedio; e por isso he que levantâmos Nossa voz, para que nos oução, para que nos attendão, e para que nos obedeção. Desconfiados, e muito, da Nossa tibieza, e frôxidão, já pedimos huma Embaixada do Ceo, que leve da Nossa parte a esses desgraçados as vozes do desengano, e da reconciliação; e caso que esses Ministros do Evangelho não alcancem o seu intento, quem ousará estranhar-nos o uso das armas da Igreja? Quem se lembrará de nos reprehender, ou de nos lançar em rosto a nimia severidade,

se por ventura, seguindo as pizadas do Apostolo S. Paulo, entregarmos a Satanaz esses mais que incestuosos, para mortificação de seus orgulhosos sentimentos, a fim de que suas almas sejão salvas no dia de Nosso Senhor Jesus Christo! (1) Quem poderá vedar-nos de que em ultima extremidade chamemos em Nosso auxilio a espada de Cesar, imitando fielmente os Sanctos Prelados antigos, e modernos?

Temos protestado soffrer muito, porém dentro de certos limites, e nunca admittir nem sombras de capitulação, ou de tregoas com a incredulidade, ou com as erroneas, e falsas doutrinas do presente seculo. O presente seculo está armado contra os Reis, porque está armado contra Deos: gastou mais de duzentos annos para entregar aos Reis, o que não pertence aos Reis, esbulhando a Igreja de sua intrinseca Soberania, e tornando escrava, a que essencialmente he Senhora. Quando vio, que os Soberanos empunhavão junctamente o Sceptro, e o Thuribulo, achou-os desde logo, como era natural, mais fracos, e debilitados do que nunca, e sem a força principal, que lhes segura os Thronos, e os corações de seus Vassallos. Nem o grande Constantino se envilecêo diante dos Padres de Nicea, nem os Principes Catholicos poderão jámais descahir da sua essencial preeminencia, por se dizerem, e se reputarem subditos da Igreja. Esta humilhação he que mais os exalta, e fortalece. Rebeldes á Igreja, elles serão vencidos facilmente; e o Sceptro, como se fosse da mais fragil materia, se lhes quebrará nas mãos, ou lhes escapará sem saberem como, e por que arte o poderão restaurar... Obedientes á Igreja, muito embora sejão pequenos em territorio, que Deos os fará grandes em poderio, e magestade, a ponto de hum só dos seus Soldados poder medir-se affoutamente com hum cento de inimigos, como já se vio nas planicies de Ourique, e já se tem visto em nossos dias...

Ah Portugal, Portugal, o Senhor ama as tuas portas, ainda mais que as tendas de Jacob. *De ti se tem dito, e continuará a dizer cousas gloriosas, ó Reino de Deos... Quem te fundou foi o mesmo Altissimo*; e por isso tu, que o conheces palpavelmente, deves exclamar com o Profeta Rei: *os que habitão em mim todos estão cheios de alegria*; (2) porque os filhos, que se tem declarado contra ti, já perdêrão com esse honroso nome todas as prerogativas, que lhes tocavão.

---

(1) Epist. 1.ª aos Fieis de Corintho Cap. V ý. 5.
(2) Psalmo 86 ýý. 2, 5, 6, e 7.

Prouvera a Deos, Filhos carissimos, que nos fosse agora possivel intimar-vos de outra maneira, qual seja presentemente o nexo indissoluvel da existencia do Catholicismo em Portugal, com a existencia, e conservação do Senhor D. Miguel I no Throno Portuguez! Com que jubilo, e verdade vos pintariamos a felicidade, que espera a todos os verdadeiros Portuguezes, menos empenhados pelas suas proprias vidas, que pela exaltação da Sancta Igreja nestes Reinos! *Nós porém, Irmãos, privados por hum pouco de tempo de vós, somente de vista, e não de coração, tanto mais nos temos apressado com grande desejo, para vos vêr em pessoa. Porque qual he a Nossa esperança, ou o Nosso gosto, ou corôa de gloria? Por ventura não sois vós outros ante Nosso Senhor Jesus Christo? Este mesmo Deos, e Pai Nosso encaminhe os Nossos passos para vós outros. E o Senhor vos multiplique, e faça crescer mais, e mais a vossa caridade entre vós, e para com todos, assim como Nós tambem vo-la temos. Para confirmar os vossos corações sem reprehensão em sanctidade diante de Deos, e Pai Nosso, na vinda de Nosso Senhor Jesus Christo com todos os seus Sanctos. Amen.* (1)

Esta Nossa Instrucção Pastoral se publicará em todas as Parochias do Nosso Arcebispado, e se registará no Livro das Pastoraes. Dada em Lisboa aos 30 de Junho de 1832.

D. Fr. Fortunato, Arcebispo de Evora.

---

(1) Epist. de S. Paulo aos Thess. Cap. II ŷŷ. 17, 19. Cap. III ŷŷ. 11, 12, e 13.

LISBOA

NA IMPRESSÃO REGIA. 1832.

Com Licença.